

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO MÉDIO: A TEORIA E A PRÁTICA EM INTERAÇÃO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DO PIBID¹

Mariane Moser Bach², Maristela Righi Lang³.

¹ Relato de experiência produzido a partir das vivências e estudos realizados no Subprojeto Interdisciplinar Letras - Português e Inglês do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) UNIJUI/CAPES

² Acadêmica do Curso de Letras - Português e Inglês e bolsista do Subprojeto Interdisciplinar Letras - Português e Inglês do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) UNIJUI/CAPES. E-mail: mariane.bach@gmail.com

³ Professora do Curso de Letras – Português e Inglês e coordenadora do subprojeto Interdisciplinar Letras – Português e Inglês do PIBID UNIJUI/CAPES. E-mail: marilang@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa federal para o aperfeiçoamento e a valorização de professores para a Educação Básica, a qual permite que os graduandos dos cursos de licenciatura da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI) se insiram no contexto escolar desde o início de sua formação docente. Dessa forma, torna-se possível conciliar teoria e prática, por meio do acompanhamento e do planejamento das aulas em uma escola pública da cidade de Ijuí. Essa integração permite, por conseguinte, que o licenciando vivencie e reflita sobre sua prática docente no momento inicial de sua constituição profissional.

Considerando isso, o presente trabalho surge da reflexão acerca das aulas de Língua Portuguesa de uma turma do 1º e do 2º ano do Ensino Médio, especialmente no que tange às práticas de produção textual. A partir dessa vivência de sala de aula, buscou-se embasamento teórico sobre o assunto, a fim de ponderar e repensar as práticas realizadas, procurando, assim, melhorá-las. Para tanto, o presente trabalho se fundamenta em estudos sobre o ensino de Língua Portuguesa, o trabalho com a leitura e a escrita, as estratégias de produção e de avaliação textual de autores como Irandé Antunes, Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias.

Este estudo se justifica pela importância que a habilidade da escrita possui em nossas vidas e, portanto, durante a formação escolar, devendo ser trabalhada com grande comprometimento pedagógico, a fim de formar sujeitos aptos a pensar com criticidade, a se posicionar e a se comunicar nas mais diversas práticas sociais. Por isso, a escrita constitui um dos quatro eixos fundamentais do trabalho com a Língua Portuguesa no contexto do Ensino Médio, uma vez que as ações realizadas nessa disciplina devem, segundo as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCM), "propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta" (BRASIL, 2006, p. 18). Ainda de acordo com as OCM, isso "implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos quanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem." (BRASIL, 2006, p. 18).

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo fazer uma revisão bibliográfica acerca do tema produção textual no Ensino Médio, além de relatar e analisar, mesmo que de forma breve, as atividades realizadas enquanto bolsista PIBID.

METODOLOGIA

Este trabalho consiste em um relato das experiências realizadas enquanto bolsista PIBID (CAPES/UNIJUÍ) do subprojeto Interdisciplinar Letras – Português e Inglês no período de 2015-2016, em turmas do 1º e do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Ijuí. Ademais, faz uma revisão bibliográfica acerca do tema produção textual, abordando autores consagrados no assunto, como Irandé Antunes e Ingedore Villaça Koch.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O acompanhamento e o planejamento de atividades de escrita de textos narrativos e argumentativos realizado nas aulas de Língua Portuguesa demonstraram as dificuldades que circundam o processo de escrever, uma vez que uma parte dos alunos apresentou insegurança, desmotivação, dificuldades na compreensão da estrutura do texto, incoerência e falta de coesão etc. Tais aspectos, muito mais do que apenas revelar a complexidade que envolve o ato de escrever, fazem repensar a nossa prática docente, que por ser ainda incipiente, constitui-se de erros e acertos, mas, sobretudo, de aprendizagens. Assim sendo, deve-se refletir em que sentido as metodologias adotadas nas aulas estão contribuindo ou não para a aprendizagem dos alunos. Para esse fim, o educador – seja ele pibidiano, estagiário ou professor – deve, sempre que possível, rever os fundamentos teóricos que embasam sua prática, como destaca Antunes (2003, p. 40 e 41):

Não pode haver uma prática eficiente sem fundamentação num corpo de princípios teóricos sólidos e objetivos. Não tenho dúvidas: se nossa prática de professores se afasta do ideal é porque nos falta, entre outras muitas condições, um aprofundamento teórico acerca de como funciona o fenômeno da linguagem humana. O conhecimento teórico disponível a muitos professores, em geral, se limita a noções e regras gramaticais apenas, como se tudo o que é uma língua em funcionamento coubesse dentro do que é uma gramática. Teorias linguísticas do uso da prosódia, da morfossintaxe, da semântica, da pragmática, teorias do texto, concepções de leitura, de escrita, concepções, enfim, acerca do uso interativo e funcional das línguas, é o que pode embasar um trabalho verdadeiramente eficaz do professor de português.

O conhecimento teórico, portanto, irá ajudar a evitar muitos dos problemas ainda encontrados na escola no que se refere às atividades em torno da escrita, como os elencados por Irandé Antunes em seu livro "Aula de Português - encontro e interação" (2003): a prática de uma escrita motora e periférica, centrada na memorização de regras ortográficas; a prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizada, por exemplo, na criação de frases soltas sem contexto comunicativo; a prática de uma escrita sem função, sem valor interacional, sem autoria e sem recepção; a prática de uma escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão, na qual o que conta é, prioritariamente, a tarefa de realizá-la. Ademais, cabe destacar aqui alguns outros problemas, os quais já tentamos

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

superar na nossa prática de pibidianos, como o ensino das classes morfológicas e de análise sintática de forma descontextualizada e desvinculada do texto, que configurada como memorização sistemática, não possibilita que o aluno entenda sua relação com a construção textual. De acordo com Antunes (2003, p. 46),

O grande equívoco em torno do ensino da língua tem sido o de acreditar que, ensinando análise sintática, ensinando nomenclatura gramatical, conseguimos deixar os alunos suficientemente competentes para ler e escrever textos, conforme as diversificadas situações sociais.

O trabalho com o texto escrito, dessa forma, é de suma importância e não deve se limitar a uma visão puramente gramatical da língua, mas sim estender-se a uma perspectiva interacionista, posto que as línguas existem para promover a interação entre os sujeitos. Ainda nessa perspectiva, cabe lembrar que a Língua Portuguesa se insere na Área de Linguagens, a qual se caracteriza por ter como objeto de estudo a atuação do sujeito em práticas sociais, mobilizando conhecimentos e saberes relativos às interações e às expressões do sujeito nessas práticas, que constituem e são constituídas por representações de mundo, formas de ação e manifestações de linguagens (BRASIL, 2014, p. 7). Nesse sentido, Antunes (2003, p. 41) destaca que "[...] somente uma concepção interacionista da língua, eminentemente funcional e contextualizada, pode, de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante" (ANTUNES, 2003, p. 41).

Conforme Koch e Elias (2010), nessa concepção interacional (dialógica) da língua, o sentido da escrita não é resultado apenas do uso do código, nem somente das intenções do escritor, mas consiste em um produto da interação escritor-leitor, na qual ambos são vistos como sujeitos ativos que se constroem e são construídos no texto.

Nessa perspectiva, a escrita é uma atividade que demanda da parte de quem escreve a utilização de muitas estratégias, como:

- ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa (interlocutores, tópico a ser desenvolvido e configuração textual adequada à interação em foco);
- seleção, organização e desenvolvimento das ideias, de modo a garantir a continuidade do tema e sua progressão;
- "balanceamento" entre informações explícitas e implícitas; entre informações "novas" e "dadas", levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objetivo da escrita;
- revisão da escrita ao longo de todo o processo, guiada pelo objetivo da escrita; da produção e pela interação que o escritor pretende estabelecer com o leitor. (KOCH; ELIAS, 2010, p. 34)

Por conseguinte, ao professor cabe a responsabilidade de propor atividades que estejam de acordo com a concepção interacionista do texto e da língua, uma vez que essa seja assumida. Por exemplo, ao propor aos alunos a elaboração de um texto argumentativo, deve-se esclarecer quem será o leitor (real ou virtual) desse texto e qual é o objetivo dessa interação, afinal, quem fala (ou escreve) fala a alguém, a comunicação exige a figura do outro e a consciência desse outro é fundamental ao ato de escrever. Percebe-se, agora, que nas primeiras propostas aplicadas como bolsista PIBID tal prática

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

foi ignorada, o que talvez explique, em parte, a ausência de sentido e a desmotivação sentida por alguns alunos durante a escrita.

Ademais, é necessário que o professor planeje o tempo da atividade de forma que aconteçam adequadamente todas as etapas da produção textual (planejamento, escrita e reescrita), pois todas elas têm sua importância durante esse processo, de modo que não orientar ou anular uma das etapas irá prejudicar a qualidade da escrita. Além disso, outro aspecto imprescindível para a boa construção textual é compreender que o escritor mobiliza uma série de conhecimentos durante a atividade da escrita, os quais se relacionam à língua, ao saber enciclopédico e a práticas interacionais (KOCH; ELIAS, 2010).

De acordo com Koch e Elias (2010, p. 37), "escrever é uma atividade que exige do escritor conhecimento da ortografia, da gramática e do léxico de sua língua, adquirido ao longo da vida nas inúmeras práticas comunicativas [...] e, de forma sistematizada, na escola". Esse conhecimento linguístico, sob a perspectiva interacional, é importante para a construção de uma imagem positiva do escritor, pois, entre outros motivos, demonstra atitude colaborativa de evitar problemas no plano da comunicação e, também, atenção e consideração dispensadas ao leitor (KOCH; ELIAS, 2010). Ressalta-se aqui, novamente, a importância do trabalho com a língua na escola (por exemplo, classes morfológicas ou pontuação) partir de gêneros textuais, a fim de que haja uma verdadeira apreensão desse conhecimento, tornando-o acessível no momento da escrita.

Outro tipo de conhecimento ao qual se recorre durante a escrita é o enciclopédico, isto é, os conhecimentos sobre as coisas do mundo que se encontram armazenados em nossa memória, os quais adquirimos de diversas maneiras, através de histórias que ouvimos, leituras, vivências etc. (KOCH; ELIAS, 2010). E é na escola onde construímos muitos desses saberes, daí a importância de se abordar diferentes assuntos e temáticas ao longo das aulas, oportunizando ao educando um espaço para conhecer, aprender, questionar, discutir, pesquisar, construir e, caso necessário ou oportuno, reconstruir. "Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do 'não ter o que dizer'" (ANTUNES, 2003, p. 45).

Para escrever é necessário, também, conhecimento textual, que conforme Koch e Elias (2010, p. 43) é usado quando "o produtor precisa ativar 'modelos' que possui sobre práticas comunicativas configuradas em textos, levando em conta elementos que entram em sua composição (modo de organização), além de aspectos do conteúdo, estilo, função e suporte de veiculação". Ademais, destaca-se que o conhecimento textual também está relacionado à intertextualidade, uma vez que a escrita "é uma atividade que exige a retomada de outros textos, explícita ou implicitamente" (KOCH; ELIAS, 2010, p. 44).

Por último, Koch e Elias (2010, p. 44) destacam que "a escrita demanda ativação de modelos cognitivos que o produtor possui sobre práticas interacionais diversas, histórica e culturalmente constituídas", os quais constituem os conhecimentos interacionais. Ainda segundo as autoras, é baseado nesses conhecimentos que o produtor configura na escrita a sua intenção, possibilitando o leitor reconhecê-la; determina a quantidade de informação necessária, para que o leitor seja capaz de reconstruir o objetivo da produção do texto; seleciona a variante linguística adequada à situação de interação; faz adequação do gênero textual à situação comunicativa; assegura a compreensão da escrita visando à aceitação do leitor quanto ao objetivo desejado, utilizando-se de vários tipos de ações linguísticas configuradas no texto (KOCH; ELIAS, 2010).

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

CONCLUSÃO

A produção de textos escritos acontece constantemente no nosso cotidiano, desde a lista de compras até a tese de doutorado, nos mais diversos âmbitos da nossa vida, estamos nos comunicando por meio de textos. Comunicar, por sua vez, significa comunicar para alguém, desse modo, pode-se dizer que a linguagem é uma prática social e que a língua vive por meio da interação entre sujeitos. Compreender isso é fundamental para um ensino de língua relevante.

Sendo tão constante e importante em nossas vidas, a habilidade da escrita deve ser aprimorada durante a formação escolar. Cabe destacar que uma boa produção textual não é resultado de apenas uma ou duas aulas em que se resolveu abordar especificamente o assunto, pois a escrita exige do produtor uma série de conhecimentos que são desenvolvidos ao longo de sua vida e trajetória escolar. Assim sendo, o professor precisa ter clareza sobre seu objeto de ensino e sobre os objetivos de sua aula, pois uma prática eficiente exige um corpo de fundamentos teóricos sólidos. Nesse sentido, o PIBID vem contribuindo muito, pois proporciona a vivência do contexto escolar, o aprofundamento dos estudos teóricos e, assim, a assimilação entre teoria e prática, melhorando e valorizando a formação docente.

PALAVRAS CHAVES

Educação; Escrita; Texto; Língua Portuguesa.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela oportunidade concedida de participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e, também, à escola e aos professores que acompanham e orientam com dedicação os pibidianos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM). Vol. 1. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2006.

_____. Secretaria de Educação Básica. Formação de professores do ensino médio: Etapa II - Caderno IV: Linguagens / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [autores: Adair Bonini... et al.]. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e escrever: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

Modalidade do trabalho: Relato de experiência
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica